

Acritica
27/11/97 A-5
490

Terena prevê fortalecimento em dez anos

O líder acredita que esse é o prazo para que o movimento indígena brasileiro esteja totalmente organizado e fortalecido no País

A previsão do índio Jorge Terena, 35, habitante da comunidade Terena, localizada no estado de Mato de Grosso do Sul, é de que dentro de dez anos o movimento indígena brasileiro esteja organizado e fortalecido em nível nacional.

Terena acredita que, atualmente, as bases comunitárias estão mais maduras e preparadas para promover as mudanças. "Com o tempo, os pensamentos dos nossos líderes mudaram. Antes, a grande preocupação era reagir contra o governo. Fazíamos um movimento reacionário. Hoje não. Continuamos criticando, mas oferecemos soluções. Já temos condições de chegar para o governo, mostrar resultados e tentar parcerias".

"Essa organização será o resultado das forças dos pequenos grupos que, de tão fortes, irão precisar de uma instituição que os administre, que os una e os mantenha uniformes", disse Terena, durante o Encontro de Lideranças Indígenas que se encerra hoje na sede da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coaiab).

Fazendo uma retrospectiva do movimento indígena no Brasil, Terena observou que a última vez em que os índios uniram forças foi durante a Eco 92, no Rio de Janeiro, quando

havia a esperança de, durante o evento, serem feitas alianças com entidades indígenas do exterior. "Infelizmente não conseguimos resultado. As discussões durante a Eco 92 acabaram não tendo um direcionamento e as idéias fragmentadas foram enfraquecidas", avaliou.

A última tentativa de fortalecer o movimento indígena aconteceu em 1994, com a criação da Coordenação de Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Brasil (Capoib), que, de acordo com Terena, não conseguiu bom resultado em virtude da divergência de pensamentos. "Os organizadores do movimento, que estão em Brasília, pensam de uma forma. As organizações indígenas, que estão nas suas comunidades, pensam de outra", disse, prevendo que a solução para o fim dos conflitos é a criação de um organismo que venha de baixo para cima, ou seja, das bases para o alto.

No encerramento do Encontro de Lideranças Indígenas, que acontece hoje à tarde, o reitor da Universidade do Amazonas (UA), Walmir Albuquerque, irá à sede da Coiabi, localizada na avenida Ayrão, bairro Presidente Vargas (Zona Sul), para receber uma homenagem em nome da UA pelos trabalhos que a instituição vem desenvolvendo em favor dos índios.



O indígena Marcos Terena participa de encontro em Manaus

Parcerias garantem dignidade

Dois parceiros feitas há quatro anos com três empresas de materiais de couro - uma norte-americana, uma francesa e uma brasileira - garantiram aos 450 membros da comunidade indígena yawanawa, localizada no município de Tarauacá, a 500 quilômetros de Rio Branco, melhores condições de vida e a possibilidade de o povo yawanawa se manter com dignidade em seu habitat natural.

Fabricante de cosméticos, a empresa norte-americana Aveda utiliza o urucu na maioria dos seus produtos. O fruto é comprado dos yawanawa e, segundo o chefe do povo, Biraci Brasil, 32, o interesse da empresa pelo urucu foi responsável pela criação de um projeto econômico sustentável que faz com que a comunidade produza 40 hectares de urucu.

A fabricação de couro vegetal, feito de seringa e potássio para garantir a qualidade, é outro pro-

duto que os yawanawa estão vendendo para a empresa carioca Couro Vegetal da Amazônia e para a francesa Hermes. "Conseguimos desenvolver projetos compatíveis com os conhecimentos tradicionais do nosso povo", disse Brasil.

Os benefícios que os convênios têm trazidos para a pequena comunidade são consideráveis. "Temos energia, sete poços artesianos e um hospital que faz exames laboratoriais e atende necessidades de primeiros socorros", contou Brasil, observando que para o próximo ano a Aveda deverá colocar na aldeia um canal de satélite, ligando-a à internet. "Teremos comunicação imediata com todo o mundo", afirmou.

Para chegar ao resultado atual, Brasil afirma que foram 17 anos de luta. "O processo é difícil e lento, mas a determinação e a definição de objetivos fazem com que tudo dê certo", concluiu Brasil.



Eliane quer despertar nas mulheres indígenas a importância de cada uma na casa e na aldeia

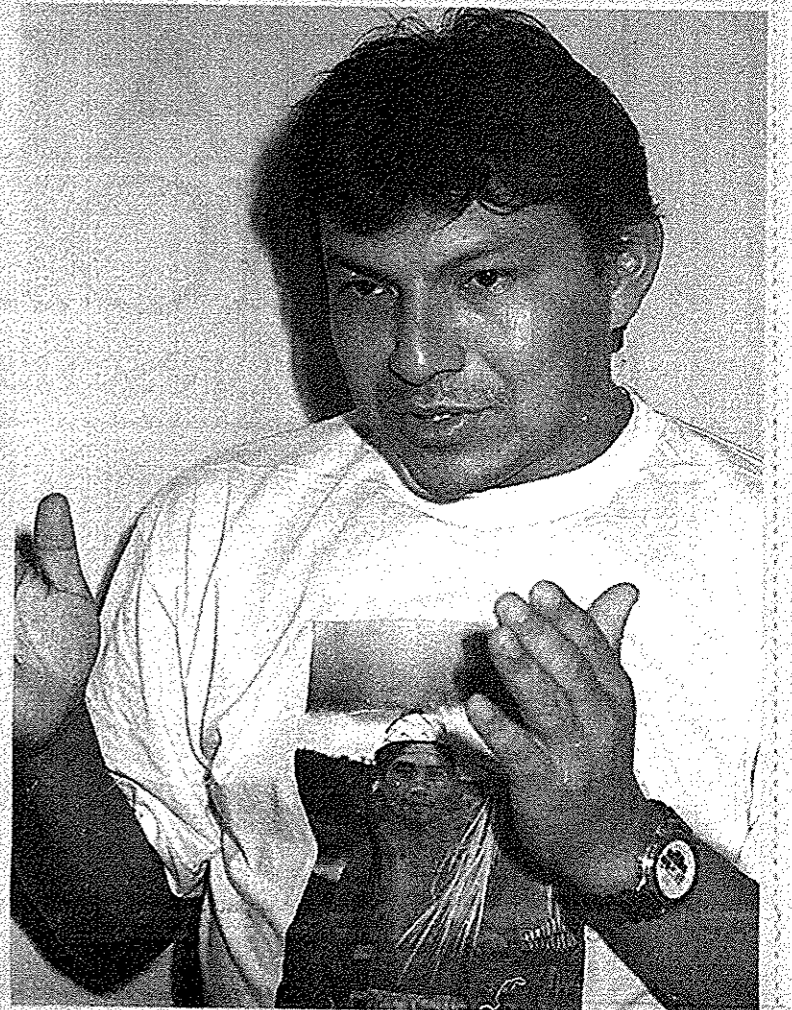
Índia luta pelos direitos da mulher

"Mais do que educadoras, reprodutoras e donas da casa, as mulheres indígenas precisam ser multiplicadoras de outras mulheres, que irão tornar-se agentes transformadores da sociedade em que vivem", com essas palavras, Eliane Potiguara resume a proposta do trabalho que desenvolve junto às mulheres da aldeia Potyguara, no estado da Paraíba.

Promovendo encontros para falar sobre direitos humanos, política, violência, entre outros assuntos, Eliane pretende despertar as mulheres indígenas para a importância que cada uma tem dentro da sua casa e da aldeia. "A partir do que elas aprendem poderão mudar o rumo das coisas e, em casa, melhorar as relações através do diálogo", disse Eliane, observando que muitas vezes, a partir do contato com o homem branco, o índio passa a ter hábitos diferentes dos seus que nem ele mesmo entende. "Nessa hora é que a mulher índia exercerá sua liderança, estando capacitada poderá conversar com seu marido e esclarecer dúvidas".

Aos 47 anos, Eliane, que é filha e neta de índias e faz questão de dizer que já é avó, destaca que ao longo dos mais de dez anos de trabalho com as mulheres indígenas uma das grandes dificuldades encontradas é fazer com que elas falem dos seus problemas. "Acontece muito devagar. Durante as reuniões elas geralmente só ouvem. Depois, aos poucos, é que chegam e dizem alguma coisa", conta, observando que este 'contar espontâneo' já é uma vitória.

Atualmente quinze mulheres indígenas de vários estados brasileiros fazem parte da equipe de Eliane. Elas são as 'multiplicadoras' que levam o que ouvem a outras aldeias. Eliane também elabora publicações didáticas que ajudam na hora de passar as informações.



Chefe do povo yawanawa, Biraci Brasil destaca os anos de luta

Programação de hoje

A palestra de abertura de hoje durante último dia do Encontro de Lideranças Indígenas começa às 8h e será feita por Gersem dos Santos. Ele irá falar sobre "O que é autonomia para os nossos povos?".

As 10h, grupos de trabalhos serão organizados para apresentar alternativas e estratégias para o futuro do movimento indígena.

Das 10h45 às 12h haverá debate em plenário. O mediador será o professor José Ribamar Bessa Freire.

As 14h vai ser feita a elaboração e aprovação do documento final do encontro e, em seguida, a Universidade do Amazonas, através do reitor, Walmir Albuquerque, receberá uma homenagem.